

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

Cinema Experimental Português: O Cinema dos Artistas, Anos 60 e 70

Programa Luís Noronha da Costa – 2

11 de Novembro de 2025

“COISAS” / 1973

Um filme de Luís Noronha da Costa

Realização, argumento, fotografia e montagem: Luís Noronha da Costa / **Música:** Wolfgang Amadeus Mozart / **Interpretação:** André Gomes e Helena Vasconcelos.

Cópia: da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, ampliada para 16mm de um original em Super 8mm, cor / **Duração:** 23 minutos / Inédito comercialmente / **Primeira exibição na Cinemateca da cópia ampliada e restaurada:** Janeiro de 2004, Ciclo “Noronha da Costa Revisitado”

SEM TÍTULO I / 1972

Um filme de LUIS NORONHA DA COSTA

Realização, argumento, fotografia e montagem: Luís Noronha da Costa / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 16mm, preto e branco e cor, mudo / **Duração** (a 18 imagens por segundo): 25 minutos / Inédito comercialmente / **Primeira exibição na Cinemateca da cópia ampliada e restaurada:** Janeiro de 2004, Ciclo “Noronha da Costa Revisitado”.

SEM TÍTULO II / 1973

Um filme de LUIS NORONHA DA COSTA

Realização, argumento, fotografia e montagem: Luís Noronha da Costa / **Interpretação:** André Gomes, Luís Vilaça, Helena Vasconcelos, Julião Sarmento, etc. / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 16mm, ampliada do super 8 original, cor, sonoro / **Duração** (a 18 imagens por segundo): 43 minutos / Inédito comercialmente / **Primeira exibição na Cinemateca da cópia ampliada e restaurada:** Janeiro de 2004, Ciclo “Noronha da Costa Revisitado”.

duração aproximada da projecção: 89 minutos

com a presença de André Gomes

[Este programa combina] dois filmes, ambos sem título, como a maior parte dos quadros de Luís Noronha desta altura. O primeiro, mais uma vez situado na casa de Luís Noronha no Campo Pequeno, tem como imagem recorrente o busto da cabeça de Diana, de que já falei ontem e que também aparecia em **A Menina Maria**. É essa a imagem que permanentemente foca e desfoca, apaga e acende, enquanto erram pela casa crianças (as filhas do Pintor). A certa altura a câmara

abandona as pinturas da casa e os desenhos dos personagens da casa para “voar” sobre as árvores do Campo Grande e passar para fora de Lisboa (Sintra, a Peninha).

O filme final é uma das maiores surpresas desta sessão. Primeiro filme sonoro de Luís Noronha da Costa e primeiro filme a cores (embora som e cor só apareçam a certa altura), é um filme em que a influência de Werner Schroeter sobressai, com a representação dos actores (sobretudo André Gomes e Helena Vasconcelos) a repetirem, num jogo erótico e cultural, os esgares das personagens daquele realizador, no que deve ter tido tanto de improvisação como de condução libérrima. Os personagens tocam-se e separam-se, dançam e envolvem-se, adormecem e despertam, movidos por um jogo de reflexos mais do que nunca prolongado. Entre eles, ocupam lugar de relevo vários quadros de Luís Noronha pendurados na parede, sobretudo a famosa representação da pobre Lusíada flutuando na jangada com a bandeira verde branca.

“Como acolher a ambiguidade e não a aceitar?” pergunta-se a certa altura e já estamos num mundo de Nietzsche, de quem vamos vendo várias obras.

De certo modo, este filme recapitula todo o universo das obras anteriores e anuncia os filmes a vir, exibidos na sessão de ontem. É uma obra fulcral para se compreender o percurso cinematográfico de Luís Noronha da Costa e de como ele entendeu o cinema. Destruir a imagem não é o mesmo que destruir a dimensão, para terminar como terminei ontem, com corpos **queimados** pela imagem, num cinema cuja memória só pode ser Corpo.

[Abre a sessão] a primeira experiência a cores e sonora de Luís Noronha da Costa, mais ou menos contemporânea de **Sem Título II**. Essa que o realizador denominou “**Coisas**”, com as comas como parte integrante do título.

“**Coisas**” é, como dito acima, um filme com bastantes semelhanças com **Sem Título II**. Nas duas obras, – as primeiras de Noronha da Costa com actores – este favorece uma livre improvisação em que André Gomes é exímio. A improvisação alarga-se à fotografia (écran ou muito escuro ou muito claro) e a pintura (telas de Luís Noronha) tem lugar de relevo como *trompe-l’oeil* de espaços imaginários.

Particularmente exacerbado é o “bailado” de André Gomes (os grande planos das mãos com anéis) e particularmente belo o plano do actor com guarda-chuva, num espelhismo acentuado.

Notar-se-á ainda um jogo erótico humorístico (as cúpulas fálicas da praça de touros do Campo Pequeno, os sapatos) e o recurso a várias telas de Luís Noronha, como (novamente) “O Lusíada” ou a desfocada citação da “Rapariga com Brinco” de Vermeer. O filme culmina numa “loucura” total (“Um doido, um doido era o que eu era”) num festival de imaginário onde a influência de Werner Schroeter é expressa.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto adaptado a partir de “folhas” escritas por João Bénard da Costa para acompanhamento da projecção destes filmes no Ciclo “Noronha da Costa Revisitado”, que foram exibidos em sessões com alinhamentos distintos desta, em Janeiro de 2004, data da primeira exibição das versões restauradas e ampliadas para 16mm.